

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*



Reprodução

Velocidade de luz
(um planeta à deriva)

Vivemos a 1000 por hora. Literalmente. Nosso planeta gira a mais de 1000 quilômetros por hora em torno de seu eixo. Vivemos a 100.000 por hora também. Nosso planeta gira a mais de 100.000 quilômetros por hora em torno do Astro Rei: Vivemos num 'pião' de corda, que foi solto no espaço numa órbita elíptica veloz e furiosa, que mistura giros insanos e - eternamente enquanto dure - precisos...

Quando vemos, já fomos. Quando percebemos, já estamos... Perto do fim. Tudo é rápido, "num sopro"... A vida é um sopro, disse o mestre da arquitetura Oscar Niemeyer - aliás, esse o título de sua (fundamental) cinebiografia.

E nisso... Vivemos, nascemos e morremos, de geração em geração, "a cada 100 anos varridos da Terra" - como bem colocou recentemente Woody Allen.

E nisso... Construímos, sem sentido pleno aparente algum se for parar pra pensar... A Humanidade. O sentido reside aí? Sim, residiria... Entre Isaac Asimov e meu xará Erich Von Däniken - enquanto Aldous Huxley e George Orwell nos alertavam - tentamos entender de onde somos - e não 'viemos' - e pra onde, aí sim, vamos...

Hoje, um brasileiro cientista com alcunha de Profeta, 'Nicollelis' (nome que histórica e semanticamente se alinhará aos grandes da História - 'Galileu', 'Da Vinci', 'Nostradamus') nos alerta em Podcasts e livros sobre os perigos e verdades por trás da disseminação desenfreada da IA, útil sim se controlada por nós e por nós utilizada para fins específicos... Cegos e surdos são os que não querem ouvi-lo.

Ainda... Em meio a Greys e Reptilianos, Anunnakis, o visitante de Varginha e os 'disclosures' recentes, temos a certeza de que não estamos sós... E como estaríamos? Um ponto azul perdido na vastidão do Universo. Sozinhos em Vida? Impossível. Simples assim.

A Terra gira, os sonhos vão e o vasto saber e querer de nossa raça se esvai enquanto exterminamos a nós mesmos: por Terra, Mar - onde nossos irmãos estelares já estão - e Ar. Machucando e destruindo nossa Casa com cada vez mais asfaltos e bom-

bas...

A órbita perfeita a mil por hora tem dia e hora para acabar. Só não sabemos quando. Por obra e graça do espírito humano... Não dependeremos da final explosão de nossa Estrela Solar para nos esvaír como raça e nem nossas astronaves interestelares jamais nos salvarão de nossa maior perdição... Nós mesmos. Não será apenas a IA que nos dominará em nossa burra e explicavelmente capitalista transferência de conhecimento humano para as máquinas, com o benefício - como visionariamente colocou "Blade Runner" - se transformando rapidamente em assustadora ameaça...

Nós cairemos perante nossa própria empáfia e ignorância.

O ser humano tem o potencial enorme de ser pleno, belo e potente... De luz, sabedoria e amor.

Ao invés disso, em geral em sua esmagadora maioria, escolhe a ignorância, a ganância e o egocentrismo.

A maldade, pura e simples, por razões diversas, por trás de todas as ideologias... E por trás simplesmente das sombras que se escondem nos confins da alma humana, individual... Entre essa e outras dimensões, espirituais inclusive, o nosso destino já está traçado então... A autodestruição virá... Por IA... Pelo clima... Pela polaridade em sistemas - quais sejam - inoperantes... Pelas guerras sem fim como consequência natural dessa zorra toda... Pelos Seres Alados - quais sejam, de onde vierem, Dimensões, Mundos, o Infinito - que nos darão o basta definitivo.

Em suma, enfim... Por nossa inexplicável e histórica falta predadora de Amor Próprio.

A solução viria se deixássemos a Paz, definitivamente, entrar.

Acolhedora, aquecedora... Despertando-nos para um amanhã melhor enquanto habitantes da Nave Terra em voo solo e sem dor pelo espaço profundo e circular...

Em velocidade de luz.

No entanto... Somos muito limitados para isso. A capacidade, observando milhares de anos de nossa história como raça humana, claramente nos falta. Habitamos... Um planeta à deriva.

*Cineasta



Alécio César/Divulgação

A premiada Cia. do Tijolo (SP) está no Rio em curta temporada com 'Restinga de Canudos'

A voz dos anônimos
de Belo Monte

Vencedora do APCA de Melhor Direção, Cia. do Tijolo encena 'Restinga de Canudos, um mergulho nas histórias por trás do massacre no sertão

As ruínas de Canudos dormem sob as águas do açude de Cocorobó, no sertão baiano, desde que o governo decidiu alagar o que restou do arraial massacrado entre 1896 e 1897. Em períodos de seca extrema, como aconteceu em 2013, partes da antiga igreja reaparecem — fantasma de uma comunidade que chegou a reunir mais de 20 mil mil pessoas e foi dizimada em quatro expedições militares da recém-instalada República.

É dessa submersão, literal e simbólica, que nasce "Restinga de Canudos", espetáculo da Cia. do Tijolo, de São Paulo, que chega à Arena do Sesc Copacabana com temporada até 13 de setembro. A montagem, vencedora do Prêmio APCA de Melhor Direção em 2025, desloca o foco do bombardeio e da figura de Antônio Conselheiro para o cotidiano de quem construiu em Belo Monte uma forma própria de existência.

O diretor e dramaturgo Dininho Lima Flor, pernambucano de Tacimbo que atua na companhia desde 2008, assina o texto ao lado de Rodrigo Mercadante, fundador do grupo. A cena é conduzida por

“É essa memória coletiva que ainda pode inspirar esperança e resistência no presente”

DINHO LIMA FLOR

duas professoras, figuras que costuram a narrativa e sinalizam o papel da educação naquela comunidade — não por acaso, a Cia. do Tijolo bebe na fonte do pensamento de Paulo Freire, de quem empresta o nome: "tijolo" era uma das palavras geradoras usadas pelo educador na alfabetização de operários da construção civil.

No palco, vozes de agricultores, indígenas, beatos, cantadores e poetas populares compõem um mosaico que recria uma Canudos viva antes de sua destruição. A música original de Jonathan Silva percorre a dramaturgia como elemento estruturante, não como adorno. O elenco reúne artistas de

diferentes regiões do país, entre eles Odília Nunes, Artur Mattar, Jaque da Silva e outros treze nomes. A encenação articula teatro, música ao vivo e cultura popular, estabelecendo diálogo direto com questões que continuam atravessando o Brasil — violência de Estado, desigualdade, luta por direitos.

Como observa Dininho Lima Flor, "é essa memória coletiva que ainda pode inspirar esperança e resistência no presente". A frase resume a operação dramática do espetáculo: em vez do elogio à dor, a reescrita de um passado onde houve organização comunitária, invenção política e vida — antes que tudo virasse ruína submersa. Fundada em 2008, a Cia. do Tijolo já havia conquistado o Prêmio Shell de Música com "Concerto de Ispinho e Fulô" e o de Melhor Cenário com "Cantata para um Bastidor de Utopias". Em "Restinga de Canudos", dá mais um passo na reinvestigação de episódios fundadores da identidade brasileira.

O espetáculo é, em certo sentido, um mergulho nas águas de Cocorobó. Recupera o que foi soterrado — não apenas em termos físicos, mas de memória. E devolve ao palco vozes que a história oficial calou.

SERVIÇO

RESTINGA DE CANUDOS

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) Até 13/9, quintas e sextas (20h) | sábados e domingos (18h) Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia), R\$ 36 (conveniados), R\$ 31 (conveniados empresarial), R\$ 28 (sócio Sesc) e grátis (PCG)